

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Renan Degani Skerlak - RA00197772

**Massacres Escolares e Cultura: um estudo do massacre de
Columbine com base em artigos jornalísticos e no documentário
*Tiros em Columbine***

São Paulo
Campus Perdizes
Junho/2020

Renan Degani Skerlak - RA00197772

**Massacres Escolares e Cultura: um estudo do massacre de
Columbine com base em artigos jornalísticos e no documentário
*Tiros em Columbine***

Trabalho de Conclusão de Curso.
Orientador: Daniel de Moraes Caro

São Paulo
Campus Perdizes
Junho/2020

SUMÁRIO

1. Resumo	05
2. Introdução	06
3. Método	09
4. Resultado	10
5. Conclusão	21
6. Referências	22

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar principalmente o ambiente e a cultura de Columbine em 1999, local e período de um dos mais importantes massacres escolares da história. Levando em consideração que tal cultura e ambiente estão inseridos dentro da cultura estadunidense. Foi utilizado o próprio documentário *Tiros em Columbine* e artigos jornalísticos da época e recentes, tanto para analisá-los quanto para entender a cultura local. Fazendo análises do ambiente e da cultura na perspectiva da análise do comportamento.

Palavras-chave: massacres escolares, massacre em massa, assassinato escolar.

1. INTRODUÇÃO

1.1 *Massacre escolar: definições e características*

O massacre de Columbine não foi o primeiro tiroteio escolar, mas foi de fato um dos principais, como mostra o estudo de Vieira, Timoteo Madaleno, Mendes, Francisco Dyonísio Cardoso e Guimarães, Leonardo Conceição (2010). Massacres escolares são caracterizados principalmente por ataques feitos geralmente por uma ou duas pessoas munidas de armas de fogo, mas em alguns casos armas brancas. Em geral visam à morte do máximo de pessoas possíveis dentro de uma escola, que em alguns casos é o alvo, como demonstra o artigo citado de Vieira et al. (2010).

1.2 *Interpretações mais difundidas sobre o massacre escolar*

A mídia em geral trata o massacre escolar como fruto de uma mente perturbada ou de um indivíduo doente. Geralmente, busca explicações em hábitos rotineiros em jovens, como videogames e bandas de metal. Um exemplo foram os casos mostrados no documentário “Tiros em Columbine” de Michael Moore, no qual ele apresenta reportagens da época do massacre que responsabilizaram figuras como Marilyn Manson por influenciar o ataque.

Em geral, os autores do massacre têm histórico de *bullying* no ambiente escolar e não necessariamente atacam os responsáveis pelo *bullying*, mas, muitas vezes, o local onde tais atos ocorriam. Não necessariamente os autores dos massacres eram os principais alvos do *bullying*.

1.3 *Possíveis contribuições do behaviorismo radical para a compreensão do massacre escolar*

Na perspectiva behaviorista radical, o sujeito e o ambiente modificam-se constantemente, portanto, suas contribuições sobre tais ambientes além de serem riquíssimas por si só, ainda contam com todo o repertório teórico e experimental sobre punição, ambientes aversivos e contra controle sob o ponto de vista da análise do comportamento.

Existem diversas concepções de ser humano ao longo da história. Mas para distinguir Skinner dos principais modelos modernos, acredito que a melhor forma seja tratando da questão da dicotomia mente e corpo, também descrita como alma e corpo. E da ideia de mente, principalmente de mente como causa do comportamento humano

Skinner trata o comportamento como uma interação entre resposta e estímulos, entre o organismo e o ambiente, deste modo, a relação de mente como estímulo é equivocada, pois não explica a causa, apenas entra no ciclo: “Por que o sujeito age de

determinada maneira?” – “Pois ele pensou isso” – “E como sabe que ele pensou isso?” – “Pois ele se comportou assim”. Assim, não tratando de fato da relação causal.

Por consequência, também não trata a dicotomia mente e corpo como verdadeira, por discordar do conceito de mente e por acreditar no funcionamento do organismo em conjunto, se atentando principalmente ao estímulo que antecede a resposta, a resposta e, por fim, sua consequência.

Colocados os pontos fundamentais para uma análise de contingência clara, entendemos então que a participação do ambiente em uma contingência, além de relevante é indispensável. O que nos leva a questionar o porquê do grande atuante dos massacres ser sempre a mente do autor e não o ambiente no qual ele está inserido.

No Artigo de Neto (2019) o autor cita uma frase interessante:

“Os massacres em massa seguidos de suicídio são uma definição clara da afirmação do niilismo.” Não quero me prender na questão existencial, tenho como objetivo focar na falta de amparo social a indivíduos.

“A nossa crítica é que essas leituras tratam o caso a partir do âmbito do indivíduo isolado, a suposta vítima, tornando plausível não submeter essa problemática a uma questão maior, que é o próprio sentido que a violência assume em uma sociedade marcadamente violenta”. (ALVES, 2010)

A lógica individualizante é rasa, não é coerente que indivíduos em locais distintos, em diferentes contextos, mas com as contingências sociais similares, tomem este tipo de atitude simplesmente por um distúrbio ou disposição genética. Países com cultura armamentista forte, lógica de vencedores ou perdedores e padrão coercitivo de ensino tinham de longe mais casos de assassinatos em escola, como o *massacre de Columbine*¹. Aliás, nos Estados Unidos, surgiu a principal referência seguida por jovens que se identificam com esses dois assassinos, pelo mundo inteiro.

As vítimas de bullying tornam-se, geralmente, deprimidas, agressivas, ansiosas, inseguras, dependentes do álcool ou drogas e portadoras de doenças psicossomáticas. Em alguns casos, isso culmina com o suicídio que é a expressão máxima dos efeitos nocivos na saúde mental desses estudantes humilhados na escola; ele tem acontecido, infelizmente, após a retaliação sangrenta da vítima a seus

¹Massacre ocorrido em 1999 em uma escola norte-americana, na cidade de Columbine (Colorado), articulado e realizado por dois estudantes da própria instituição (Eric Harris e Dylan Klebold). Esses jovens influenciaram diversos outros jovens ao redor do mundo todo.

algozes, quando há outros elementos favoráveis ao comportamento criminoso, como psicopatia, porte de armas, oportunidade de acesso à escola e falta de amparo familiar. (RODRIGUES, 2012)

Já é do conhecimento geral que o *bullying* traz prejuízos para o indivíduo que sofre. E na maioria dos casos de massacres escolares os protagonistas tinham histórico de sofrer *bullying*. Mas ao invés desta relação ser discutida, e o debate caminhar para análises no âmbito social, especialistas vão a programas de televisão e supõem sobre as diversas patologias e transtornos que tais indivíduos possuem. E, como é colocado por Rodrigues no trecho acima, o porte de armas e a falta de amparo familiar podem ser fatores determinantes para este tipo de tragédia.

A lógica da guerra, na qual existem vencedores e perdedores e ambos se provam através da violência, é muito presente na cultura estadunidense.

“A crise de emprego provocada pela adesão cega a um modelo econômico neoliberal descompromissado completamente com qualquer princípio humanista (MBEMBE, 2017) provoca a exacerbação de masculinidades tóxicas.” (CASTRO, 2018).

Do mesmo modo que homens se sentem rebaixados socialmente e dentro de suas relações ao não serem mais os provedores da casa ou ao menos tendo gerado parte da renda, meninos são submetidos a humilhações constantes na juventude e extremamente rebaixados podem ver na violência um meio de autoafirmação e de eliminação dos aversivos.

Uma sociedade que exalta a violência, prega que o jovem deve ser um vencedor, másculo e viril e ao mesmo tempo impõe que as afirmações desta virilidade ocorrem por meio da violência disseminam o armamento como acessório essencial para o homem. No fim, patologiza e individualiza um atirador escolar, tentando separá-lo da sociedade e o tratando como um doente, sem vínculo com a realidade. A partir disso, chega-se no problema da pesquisa: Que tipo de ambiente aversivo e com quais estímulos um assassino escolar é condicionado? Como intervir a fim de extinguir os casos de massacres escolares?

O caso de Columbine, mesmo dentro da perspectiva da análise do comportamento pode ter diversas contingências analisadas. Pode se levantar a questão do ambiente escolar aversivo e por consequência o contra-controle dos assassinos.

O que pode explicar muito do caráter niilista do massacre de Columbine. Dois rapazes medianos, que não eram os principais alvos de *bullying* mas que também não

obtinham atenção de seus colegas. Suas respostas eram constantemente colocadas em extinção.

1.4 Problema de pesquisa

Essa pesquisa visa analisar o massacre escolar de Columbine com base nos conceitos e princípios da Análise do comportamento, visando identificar a causa desse massacre escolar e apontar quais mudanças poderiam ser feitas de maneira a evitá-lo.

2. MÉTODO

2.1. Fonte de informações

Para a realização deste trabalho, utilizou-se matérias de jornais sobre o massacre em Columbine, bem como o documentário de Michael Moore *Tiros em Columbine*.

2.2 Informações coletadas

Dois conjuntos de informações foram selecionados das fontes:

- a. Trechos de matérias que versassem sobre as causas do massacre escolar
- b. Trechos do documentário que auxiliassem compreender a causa do massacre escolar de Columbine.

3.3. Tratamento das informações

Os trechos das matérias foram transcritos e analisados sob a ótica da Análise do Comportamento. Além disso, o documentário de Michael Moore foi assistido pelo autor desta pesquisa e foram descritos trechos que auxiliassem a compreender as causas do massacre. Quando as causas apresentadas no documentário não se harmonizassem com os conceitos e princípios da Análise do Comportamento, foram sugeridas explicações alternativas.

3.RESULTADOS

3.1. A Análise do Comportamento como recurso conceitual para interpretação de fenômenos sociais

Esta análise será totalmente fundamentada na análise do comportamento. Dada esta informação, é fundamental compreender como ela explica o comportamento. Para tanto, é preciso discutir as três determinações do comportamento: a ontogênese, a filogênese e a cultura.

A ontogênese consiste na história do indivíduo, dos seus comportamentos selecionados ao longo de sua história, seu histórico de reforçamento, tudo que foi selecionado a nível individual. A filogênese são as características selecionadas na história da espécie, como as características físicas e genéticas. engloba desde questões culturais mundiais, até a cultura familiar: envolve a determinação do comportamento derivada das práticas de um grupo.

Estes são os três níveis de seleção por consequência, descrito por Skinner em diversas obras, como *Ciência e Comportamento Humano* (Skinner, 1953) e em “Seleção por Consequências” (1981).

3. 2. Uma possível interpretação analítico-comportamental do massacre de Columbine

O grande ponto é a mídia, a sociedade ou, nomeando de maneira correta, a cultura. Em nossa cultura, há uma tendência de culpabilizar a filogênese ou o interior do sujeito por massacres escolares. Sempre surgem diversas notícias após um massacre culpando a genética ou os hábitos do assassino. Frases como: “Ele tinha determinado transtorno psiquiátrico” ou “Ele jogava videogames violentos”, são proferidas com frequência em jornais e programas midiáticos. Sempre esquivando do pilar da cultura e tentando depositar o máximo possível da culpa no interior do indivíduo ou em sua genética.

Um exemplo disso, próximo a nossa realidade midiática, foi a matéria da Folha de São Paulo publicada em 22 de Abril de 1999, intitulada *MÁFIA DO CASACO - Conheça hábitos dos supostos assassinos e de seu grupo*. Na qual é citada a *Máfia do Casaco*, traduzida no documentário como *Máfia dos Impermeáveis* ou em outras fontes como *Máfia do Sobretudo*. O ponto é: este grupo de amigos dos quais supostamente participavam Eric e Dylan tinham certos hábitos que parecem ter forte vínculo com o massacre, como andar “fortemente armados”. Mas a reportagem apenas citou isso, enquanto utilizou maior parte do espaço para falar da subcultura gótica:

Segundo alunos da Columbine, a turma de Harris e Klebold, conhecida por andar fortemente armada, vivia dentro de um “universo gótico” caracterizado pelo culto a temas e fantasias medievais protagonizadas por monstros fabulosos e violentos. Conhecidos como “goth” (góticos), costumam se vestir completamente de preto -e inclusive pintar as unhas dessa cor. O jogo de RPG (role playing game) “Cavernas e Dragões” é outra mania entre eles. Essa espécie de subcultura gótica -que nasceu no final dos anos 70 como uma derivação do universo punk- vem ficando cada vez mais influente entre estudantes secundários norte-americanos. O visual clássico é inspirado em bandas como o grupo pós-punk Siouxsie and the Banshees: roupas pretas, couro, muita maquiagem branca, sombra preta embaixo dos olhos e cabelos longos. Mais recentemente, o cantor norte-americano Marilyn Manson fez muito sucesso entre jovens do mundo inteiro com letras que falam sobre morte, suicídio e demônios. Alguns alunos da Columbine disseram que Harris, Klebold e outros integrantes do grupo costumavam cantar músicas de Manson na sala de aula, falar sobre mortes e decapitações. Alunos disseram que o grupo vinha sendo motivo de gozações havia pelo menos três anos.

Folha de São Paulo, 22 de Abril de 1999 .

Posteriormente, em 2019, vinte anos após o massacre, análises mais aprofundadas mostram o que foi realmente criado em relação à tragédia. Aqui no Brasil, uma matéria da *Gazeta do Povo* nos surpreende, pois comenta justamente os mitos criados em cima do massacre. Pretendo analisá-los um a um pela perspectiva da análise do comportamento.

1. Harris e Klebold não estavam na “Máfia do Sobretudo”

Enquanto o massacre se desenrolava, estudantes disseram aos jornalistas que Harris e Klebold eram membros de um grupo conhecido como “Trench Coat Mafia”, ou Máfia do Sobretudo.

O Washington Post colocou desta forma: “Os atiradores que ontem transformaram a Columbine High School em um cenário

indescritível de carnificina eram membros de um pequeno grupo de excluídos que sempre usavam casacos pretos e passavam toda a sua adolescência na subcultura sombria da fantasia gótica, seus colegas disseram.”

O Denver Post reportou: “Por vários relatos, o grupo também tinha interesse no oculto, na mutilação, no roqueiro Marilyn Manson e em Adolf Hitler”.

E o New York Times: “Investigadores agora acreditam que entre os cerca de 12 estudantes do grupo estavam os responsáveis pelo tiroteio em massa de ontem na escola secundária”.

Alunos e investigadores disseram isso aos repórteres. Mas Columbine era uma escola grande com 2.000 estudantes. Muitos “não conheciam [Harris e Klebold], ou os conheciam apenas como garotos que às vezes usavam sobretudos”, escreveu Langman em um artigo de 2008.

“Como resultado, as pessoas presumiram que [Harris e Klebold] faziam parte da Máfia do Sobretudo; essa suposição está errada.”

No ano anterior ao tiroteio, quando Harris e Klebold estavam no primeiro ano do ensino médio, havia um grupo de estudantes, em sua maioria do último ano, que às vezes se referiam a si mesmos como a Máfia do Sobretudo.

Harris e Klebold conheciam alguns desses alunos, mas não eram considerados muito próximos ao grupo de amigos, determinou o Gabinete do Xerife do Condado de Jefferson, e não apareceram em uma foto dos membros da Máfia do Sobretudo no anuário de 1998. A maioria desses alunos se formou no ano anterior ao tiroteio.

A polícia também determinou que alguns estudantes confundiram Klebold com outro aluno que estava no grupo e se parecia com Klebold.

Ou seja, além da criação de diversos mitos sobre a “Máfia do Sobretudo” ser extremamente sensacionalista, o mais cômico que nem Michel Moore podia prever o que acontece: Eric e Dylan não pertenciam a este grupo. Algo que é bem

impressionante, pois ambos os lados, tanto defesa quanto ataque, tentaram defendê-los ou atacá-los partindo do pressuposto que faziam parte da tal “Máfia do Sobretudo”. Os jornais, como mostra o documentário já citado de Michel Moore, tentaram culpabilizar os hábitos do grupo, como as músicas que escutavam, sua ideologia e suas roupas. Já Michael Moore tenta mostrar que não são esses hábitos que geraram o massacre. Mas, agora vemos, eles não faziam parte deste grupo, portanto, os dois sujeitos não estavam sob controle de tais comportamentos.

2. Harris e Klebold não eram excluídos ou solitários

Na fusão de Harris e Klebold com a Máfia do Sobretudo, eles se tornaram sinônimo da palavra “excluído”, que apareceu em todas as principais reportagens dos jornais. O Post disse que as pessoas os descreveram como um “par isolado”; o Denver Post usou “solitários”.

Mas uma análise completa da vida dos atiradores, que não foi baseada em relatórios de estudantes em pânico, refuta isso, disse Langman.

“Ambos tinham muitos amigos. Ambos se dedicavam a atividades escolares, atividades fora da escola, eles trabalhavam em meio expediente com alguns de seus amigos em uma pizzeria”, disse Langman.

Ambos estavam em uma liga de boliche. Harris tinha jogado no time de futebol da escola no primeiro e no segundo ano, e jogava futebol e vôlei depois da escola, de acordo com o relatório do gabinete do xerife. Klebold estava em uma liga de beisebol de fantasia e tinha ido ao baile de formatura com uma amiga alguns dias antes do massacre.

A hipótese de contracontrole aqui tem sua probabilidade reduzida. Em contrapartida, a do controle da cultura passa a ser cada vez maior. Sob aversivos é comum maior agressividade com outro sujeito próximo, mas seria este o caso? Será que este aversivo não perderia força ao se distanciar dele? Será que daria tempo para toda a elaboração de um plano, mesmo com tantos outros reforçadores descritos na notícia acima? A cultura parece ser mais controladora.

3. O ataque não foi vingança por terem sofrido bullying

As primeiras reportagens também indicavam que Harris e Klebold buscavam vingança contra os colegas de classe que os haviam intimidado. O New York Times disse que Harris e Klebold parecem ter alvejado “colegas que zombaram do grupo no passado”. O Washington Post disse que os estudantes os despreveram como “um alvo constante de escárnio por pelo menos quatro anos”. O Los Angeles Times disse que os estudantes consideraram o ataque “uma resposta letal para insultos e preconceitos antigos”.

Mas uma olhada nos registros da polícia e nos próprios escritos de Harris e Klebold pintam um retrato muito mais complexo, disse Langman. Sim, Harris e Klebold às vezes eram provocados, mas não estavam nem perto dos que mais sofriam bullying na escola e eram muito mais frequentemente os valentões do que as vítimas de valentões.

A maioria dos estudantes é provocada em algum momento, disse Langman, “então após um tiroteio, se os repórteres perguntarem aos alunos: “Fulano de tal era provocado?”, a resposta, em média, será sim. O significado disso é completamente desconhecido.”

De fato, os escritos pessoais de Harris mostram muitas “razões” para seu desejo de matar: Ele queria se ver como “a lei”; por prazer sádico; porque “vale a pena matar” a raça humana; e como vingança por ser provocado. A vingança era apenas uma entre muitas razões. Com muita frequência, Harris expressava o desejo de matar pessoas completamente desconhecidas.

Harris e Klebold não mataram nenhum dos estudantes que os provocaram; os atiradores de escolas raramente fazem isso, disse Langman. Os dois disseram até que sabiam que alguns de seus amigos poderiam morrer no ataque.

Novamente, bullying como principal causa passa a ficar fora de cogitação, e o controle cultural se mostra claro. O que cabe questionarmos é: quais contingências culturais poderiam levar a isso?

“Televisão adrenalina”

Os tiroteios em escolas não eram novidade em 1999; nos dois anos antes de Columbine, houve tiroteios letais em escolas em Pearl, Mississippi, West Paducah, Kentucky, Jonesboro, Arkansas e Springfield, Oregon.

Mas Columbine foi o primeiro desses eventos a se desenrolar ao vivo na televisão. O Chicago Tribune publicou uma reportagem sobre a singularidade da experiência; a Associated Press chamou de “televisão adrenalina”. As redes foram posteriormente criticadas por revelar nas transmissões ao vivo os locais da polícia e de estudantes que fugiam ou se escondiam.

Desde Columbine, mais de 226 mil estudantes sofreram com a violência armada em escolas dos EUA, de acordo com dados do Washington Post. A frequência de tiroteios nas escolas provocou mudanças na cobertura jornalística com o objetivo de limitar imprecisões como as que se seguiram ao massacre de Columbine. O Instituto Poynter e a Voz da Educação para a Conscientização do Suicídio pedem aos jornalistas que evitem relatar testemunhos de segunda mão ou amplificar pequenos detalhes, e a Associação de Notícias Digitais da Radio Television adverte contra a transmissão dos locais de vítimas e policiais enquanto os atiradores ainda estão ativos.

Outros recomendam evitar o uso dos nomes dos atiradores ou publicar fotos que glorifiquem seus crimes. Isto é por causa de outro aspecto dos tiroteios em escolas modernas que começaram com Columbine – glorificação de atiradores em massa na Internet. Como mostra uma reportagem do Washington Post deste mês, mais de 150 estranhos aparecem no campus da Columbine High School todos os meses. Muitos são obcecados com os ataques e examinam os escritos e fotos online de Harris e Klebold.

Esta semana, uma mulher de 18 anos descrita pelas autoridades como “apaixonada” pelo massacre de Columbine viajou de sua casa na Flórida para o Colorado. Sol Pais imediatamente comprou o mesmo tipo de arma usada por um dos atiradores de Columbine em uma loja de armas a três quilômetros da escola, desencadeando uma

grande caçada. Ela fugiu do FBI e tirou a própria vida - seu caso se tornando mais um lembrete da mitologia duradoura e perigosa dos tiros de Columbine.

Podemos chegar à conclusão que parte das notícias falsas propagadas na época permanecem na cultura até hoje, algumas delas inclusive no próprio documentário aqui analisado, de Michael Moore, talvez por ter sido feito próximo à data. É relevante destacarmos o não pertencimento dos dois protagonistas do crime neste grupo justamente pois, ao colocarmos em um grupo que diverge da cultura vigente, por mais que tal grupo seja parte dela, o peso cultural é diminuído e destacado o comportamento específico daquele grupo social.

Porém, a importância da cultura é tamanha em tais contingências que acredito que seja mais bem descrita pelas palavras de Skinner. Ele mostra as diferentes formas nas quais a cultura controla o comportamento de maneira sucinta.

“O que o homem come e bebe, e como o faz, os tipos de comportamento sexual em que se empenha, como constrói uma casa, ou desenha um quadro, rema um barco, os assuntos sobre os quais fala ou cala, a música que compõe, os tipos de relações pessoais que tem, e os tipos que evita - tudo depende em parte dos procedimentos do grupo de que é membro. Os usos e os costumes vigentes em muitos grupos, é claro, têm sido extensamente descritos por sociólogos e antropólogos. Aqui nos preocuparemos apenas com as espécies de processos que exemplificam.” (Skinner, 1953,. p..451)

Mas como e o que na cultura pode desencadear tais comportamentos? Talvez questionem: Nunca vi o jornal ou a escola influenciando qualquer ato parecido, por que então a culpa seria da cultura? – O melhor agora é falarmos então sobre punição, ou melhor, sobre suas consequências.

Um dos principais autores na análise do comportamento para falar sobre isso é Murray Sidman. Ele escreveu um livro cujo título é justamente *Coerção e Suas Implicações*. Nele, o autor questiona se a punição funciona, as rotas de fuga e o que mais nos interessa: os efeitos colaterais.

“Retaliação por meio de brutalidade, terrorismo, destruição de propriedade e assassinato, ainda que ética e legalmente condenada,

manteve-se comum por toda a história da humanidade até o seu presente. O conselho freqüentemente ouvido, "Não leve desfeita para casa", é apenas parcialmente uma brincadeira. A punição em represália a algum malfeito tem raízes emocionais, assim seus praticantes não são receptivos à crítica ou a argumentos com base racional ou factual." Sidman (1989). Pg. 92

Como é descrito no trecho acima, o contracontrole tem raízes emocionais, em geral, pois está sob efeito da punição, tendo forte influência filogenética. Tais comportamentos, portanto, não somente foram condicionados por reforçamento positivo. Mas principalmente por reforçamento negativo e punição.

Mas se tais comportamentos têm raízes filogenéticas, por que estamos discutindo cultura? Estamos discutindo cultura pois esta é passível de modificações. Comportamentos com base na filogênese foram selecionados ao longo da história da espécie, portanto modificações nos mesmos surgiram justamente em um novo ambiente.

E como mudar o ambiente afim de alterar tais comportamentos? Mudando a cultura.

"Coerção severa, então, gera uma contra-reação quase automática. Mas isto não termina aí. Retaliação bem-sucedida prove reforçamento rápido e poderoso. Aqueles que estavam por baixo tornam-se os poderosos, aqueles que eram os temidos opressores agora buscam seu favor. É fácil ver como a agressão poderia tornar-se um novo modo de vida para os inicialmente subservientes. O próprio sucesso da contra-agressão pode colocar em movimento uma estrutura autoperpetuadora de um modo de vida agressivo. Aqueles que anteriormente nada tinham agora tudo têm. A agressão que levou às novas vantagens pode agora ser usada para ajudar a mantê-las. A todo momento vemos revolucionários transformarem-se em cópias carbono dos regimes que derrubaram; o ciclo de coerção e represália repete-se incessantemente." (Sidman, 1989, p.223)

O contracontrole apresenta um histórico de grande poder de virada na ordem posta. O jovem que antes era desprezado, punido e subjugado agora passaria a ser forte, imponente e livre de punições. Mas se ao exercer tal contracontrole na sociedade em que vivemos isso culminaria em prisão ou até pena de morte, no caso dos Estados Unidos, por que mesmo assim ele realizaria tal ato?

Por mais que o ciclo se repita e esse jovem passe a ser o opressor, ao realizar tal massacre ele passaria para um ambiente potencialmente mais aversivo, que é a prisão, ou então seria morto, não tendo nem a possibilidade de ver a consequência de sua resposta. Como isso poderia de alguma forma ser reforçador?

Nessa lógica, o suicídio que é comum após estes eventos faria menos sentido ainda. Mas Sidman descreve o porquê de um suicídio de maneira brilhante, dando uma luz a tais questionamentos.

”Que tipo de culpa poderia ser resolvida apenas com a desistência da vida? Uma fonte óbvia de tal pressão são demandas não-passíveis de serem satisfeitas colocadas sobre nós pela família, amigos e comunidade. Ao nossos próprios olhos, pelo menos, uma inabilidade para satisfazer estas demandas nos torna um fracasso. Ser um fracasso significa que nossas ações, em vez de produzirem reforçamento positivo — sucesso — têm sido ignoradas ou punidas — fracasso. Nossa própria conduta torna-se um conjunto de sinais de iminente punição e reforçamento negativo. Tais sinais tomam-se eles mesmos punidores e reforçadores negativos, assim, finalmente, nos punimos por simplesmente nos comportarmos. Tudo que fazemos se torna um reforçador negativo. E há apenas um modo de escaparmos de nós mesmos.” Sidman (1989). Pg. 133

No documentário *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, algumas contingências são muito bem descritas pelos moradores de Columbine. Entre elas o pareamento de estímulos entre o nome da cidade e o massacre. A frase que melhor descreve isso aparece próxima aos vinte e três minutos de documentário quando um morador relata que quando ele diz: Columbine, todos sabem o que ele quer dizer. Ou seja, o nome da cidade ficou pareado com o massacre.

Minutos depois são mostradas as principais invasões estadunidenses nos anos que precederam o massacre e como todo o discurso midiático foi utilizado para criar uma percepção de terror na população, deste modo tendo uma justificativa para a invasão atrás de matéria prima em todo o Oriente Médio e a deposição ou morte de todos os líderes que se opusessem utilizando a guerra ao terror como argumento. Já que naquele ponto a própria população já estaria sedenta por paz.

Dentro da análise do comportamento, isso se resume basicamente ao conceito de reforçamento negativo, no qual o sujeito se comporta eliminando determinado aversivo. No caso, os eminentes ataques ou apenas a descrição e antecedentes deles.

Tais regras, impostas diariamente pela mídia e repetidas pela população, se caracterizam como uma cultura, pois afeta o comportamento dos sujeitos pertencentes àquela sociedade. Os comportamentos controlados passam a ser desde coisas simples, como hábitos de consumo, até questões mais complexas, como um clima de medo e pânico instaurado que pode gerar comportamentos de brutalidade e ataque ao próximo.

Quais medidas criariam uma cultura ou modificariam a cultura já existente para uma na qual não existisse uma geração de comportamentos ligados à brutalidade com tanta frequência? Bom, principalmente a partir do que Sidman nos traz, a solução seria, de forma breve, pararmos de punir ou coagir comportamentos indesejáveis e reforçar os comportamentos desejáveis como nova forma de alterar o comportamento. Claramente a nível individual isso não geraria significativa mudança cultural. Mas conseguindo descrever tal contingência pelo menos sabemos o que não fazer.

Ambientes extremamente competitivos se tornam extremamente aversivos, principalmente se você não está entre os vencedores. Mesmo “vencendo” o temor de perder seu posto e por consequência sua ampla rede de reforços torna todos os sujeitos contemplados por tal cultura mais agressivos e mais suscetíveis a respostas selecionadas via filogênese.

É neste ponto que a cultura norte-americana se destaca das outras. O berço do neoliberalismo faz com que o reforçamento positivo do comportamento de outro sujeito seja algo que dê vantagem a ele, deixando quem o reforçou para traz dentro da lógica competitiva. Talvez por isso, mesmo com grande quantidade de arma, o canadense médio deixa a porta de sua casa destrancada enquanto o estadunidense constrói seu bunker.

A competitividade intensifica tais comportamentos brutais. O estadunidense vê o outro em geral como um perigo, tanto por conta da competição quanto em relação a crimes. Nesta parte fica claro que um dos principais protagonistas na manutenção desta cultura hostil é a mídia. O que a mídia ganha televisionando brutalidades que aqui já discorreremos sobre o mal que faz? Ela ganha poder, além de dinheiro e visualização, claro.

O poder de controle é extremamente extenso sobre uma população assustada. Como já foi colocado, respostas ligadas à seleção filogenética são vinculadas principalmente a questões emocionais. Com isso, pessoas podem gastar grande parte de suas economias em aparelhos de segurança e armamentos que mal sabem utilizar. Além disso, assistiriam longas horas de jornal excessivamente violento, se isso supostamente os der alguma vantagem informativa. A influência filogenética em tais atos é óbvia. Mas o ocultamento da influência cultural é o mais intrigante.

4. CONCLUSÃO

Atualmente, é muito fácil encontrar textos e vídeos na internet relacionando o massacre com determinadas ideologias ou destrinchando o plano de Eric e Dylan passo a passo, calculando a probabilidade de mortos que poderia ter tido caso tivesse ocorrido tudo conforme eles planejaram. Fora as infinitas teorias da conspiração. Mas por que pouco escrevi sobre tudo isso e foquei tanto em cultura e ambiente?

Justamente porque queria fazer uma análise de contingência que não fosse mentalista e tentasse entender o ambiente e a cultura na qual esta situação estava inserida. O foco nos indivíduos faz com que massacres como este sejam atribuídos às suas genéticas ou mentes, logo, não temos o que fazer para nos prevenir de tais ataques.

Se o sujeito está em contato recíproco com o ambiente, por que não o entender? E se a análise do comportamento vê o comportamento do sujeito como selecionado pela ontogênese, pela filogênese e pela cultura, por que focar apenas nas primeiras duas? E como a cultura pode interferir neste tipo de situação?

O empenho no estabelecimento de uma cultura menos coercitiva no geral irá gerar menos atos de brutalidade. Alguns como consequência direta e outros como colaterais. Não basta apenas ter a disposição diversos reforçadores. Os reforçadores têm que ser consequência direta de respostas empenhadas em uma sociedade não coercitiva. Além disso, a presença constante de aversivos pode sobrepor o valor reforçador de alguns estímulos, deste modo, mesmo Eric e Dylan, por exemplo, se empenhando em diversas atividades extracurriculares, além de esportes e amigos, topograficamente parece extremamente reforçador. Aversivos constantes poderiam estar controlando-os a nível filogenético de forma muito mais expressiva.

Deste modo, a luta por uma sociedade não coercitiva deve ocorrer simultaneamente com a luta por uma sociedade mais reforçadora. Não posso deixar de falar que certos indivíduos de fato podem ter mais disposição por conta da filogênese ou ontogênese a serem suscetíveis a tais eliciamentos, mas deixo para fazer esta colocação agora ao final pois além disso já ser amplamente e muito mais discutido em relação à cultura, a cultura que disponibiliza o ambiente propício a esta eliciação. Além, é claro, do condicionamento de comportamentos violentos e da dessensibilização de tais atos de violência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amone Inacia. O que a chacina em realengo tem a nos dizer: uma análise sobre os discursos da violência escolar no Brasil. **Polyphonia**, UFG, v.21/2, jul/dez, 2010.

BOTÃO, Ana Cláudia Rodrigues; SOUZA, Juan Alejandro Tasso; RIBEIRO, Marislei da Silveira. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul** - Porto Alegre - RS - 20 a 22/06/2019.

CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **APRENDER – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista**, Ano XII n. 20 p. 75-82 jul./dez.2018 ISSN online: 2359-246X.

BROCKELL, Gillian. Bullying e casacos negros: os mitos mais perigosos sobre o tiroteio de Columbine. **Washington Post**, [S. l.], 20 abr. 2019. Mundo, p. 1-1. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/bullying-e-casacos-negros-os-mitos-mais-perigosos-sobre-o-tiroteio-de-columbine/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

FOLHA DE S. PAULO (São Paulo). Da Redação. MÁFIA DO CASACO: Conheça hábitos dos supostos assassinos e de seu grupo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 1999, 22 abr. 1999. Mundo, p. 1-1. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft22049906.htm>. Acesso em: 8 nov. 2021.

RODRIGUES, Gilda de Castro. O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Ponto-e-vírgula**, São Paulo, 11: 10-12, 2012.

NETO, Moysés Pinto. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. **Dialogia**, São Paulo, n. 33, p. 178-191, set./dez. 2019.

SIDMAN, Murray. **Coerção e Suas Implicações**. [S. l.]: Editora Livro Pleno, 1989. 301 p. ISBN 87-87622-22-6.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. [S. l.]: The Macmillan Company, 1953. 489 p. ISBN 978-85-336-1935-7.

Vieira, Timoteo Madaleno, Mendes, Francisco Dyonísio Cardoso e Guimarães, Leonardo Conceição De columbine à virgínia tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. 2009, v. 22, n. 3 [Acessado 1 Outubro 2021], pp. 493-501. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300021>>. Epub 09 Fev 2010. ISSN 1678-7153. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000300021>.